Jornal defensor dos interêsses de Guimarães e o de maior tiragem e expansão no Concelho

Notícias de Guimarães

Ano 15.º N.º 758

GUIMARÃES, 11 de Agosto de 1946

Adm., R. da Rainha, 56-A. Tel. 4313

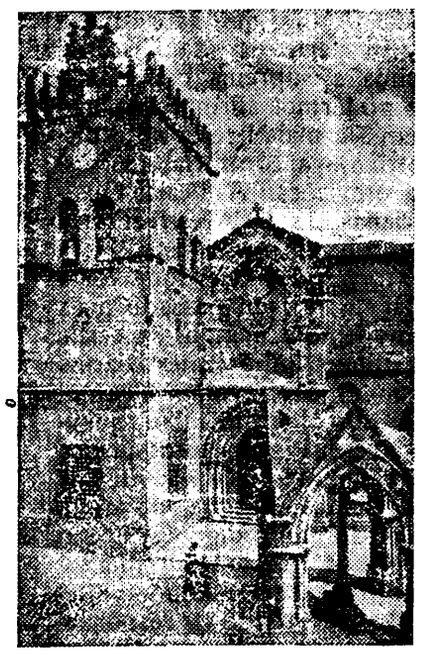
Tip. Minerva Vimaranense . 4177

Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Um Sermão Profético

Página antiga da História de Guimarães



No espaço de um dos quatro arcos ogivais do Padrão suspende-se o Pelote, venerável relíquia que D. João I trouxe, com outras oferendas, ao altar de Santa Maria de Guimarães, acompanhado dos seus companheiros de armas, em 14 de Agosto de 1385.

Nas casas alpendradas que fazem moldura ao largo vêem-se colgaduras. Donas embiocadas, por detrás das janelas de crivo, assistem a este acto comemorativo do memorável feito de armas dos portugueses, em Aljubarrota.

Ao centro da Praça ergue-se, em polígno de pedra, a «oliveira dos milagres».

Junto à porta principal, no adro da igreja Colegiada, tomam assento em bancais forrados de veludo carmesim os senhores cónegos, de murça branca e capas roçagantes, ladeados pelos padres «capinhas» e meninos do coro.

Igualmente assistem à festa do Pelote, sentados em cadeiras de espaldar, sobre a alcatifa, os homens bons da governança e autoridades, todos com suas vestes e insígnia de mando — a vara.

No pátio lajeado, no limiar da porta principal, ergue-se o púlpito, armado de damascos.

A missa da festa do Pelote vai já no Evangelho.

O sermão vai começar.

Sobe ao púlpito Fr. Luís da Natividade, frade menor e guardião no convento de S. Francisco de Guimarães.

Mas vem ter connosco este raciocínio: Se haviam já decorridos 58 anos que reinava Filipe IV de Castela, ¿é o que seria permitido dizer ao prègador na exaltação da Batalha de Aljubarrota — esse feito de armas em que os soldados castelhanos foram vencidos pelos portugueses?!...

Em verdade, o prègador não podia deixar de se sentir coacto.

Razão essa porque todo o seu sermão — como vamos ver — é figuração simbólica. Só assim, numa literatura de claro-escuro, o prègador ousou proferir o seu notável sermão, de acerante crítica política e de acentuado cunho revolucionário.

Mas suspendamos nossos juízos e sejamos atentos ao sermão de Fr. Luís da Natividade, prègado em 1638, diante do Pelote de D. João I, em Guimarães:

«— Quando falamos em honras ou glórias portuguesas, não sei se é mais ocasião para chorar mágoas presentes, que para celebrar glórias passadas... Não sei, à vista deste Pelote, desta lança tantas vezes tinta em sangue de inimigos seus e da igreja, se podemos dizer a seu dono: que acabe já de todo este seu reino, pois sem dúvida irá ao Céu, morrendo martirizado».

A lança a que o prègador aludia, era uma simbolização da lança que D. João I empunhou na Batalha. Quanto ao Pelote, esse lá estava, roto e vèlhinho, como cruciante e vivo retrato do Portugal vilipendiado.

Continua o orador:

— «Assim como é certo serem na Escritura Sagrada os vestidos rasgados símbolo do reino perdido... assim o reino que nessa roupa o invicto Senhor D. João, o nosso Rei, dedicou... à Virgem da Oliveira, quando o vedes em tal estado, nele vedes também quando esteja o reino».

Era o Pelote, roto e vèlhinho, o espelho fiel da Nação. E se essa relíquia havia sido ofertada, como oblata de fé, à Padroeira de Guimarães, se Ela havia feito o milagre, dando a vitória aos portugueses em Aljubarrota, ¿porque não apelar de novo para a Virgem, em emergência tão dolorosa?

Foi o que fez o frade prègador, estendendo os braços súplicos para o interior do templo, onde sobre andor se encontrava a imagem de N. S.ª da Oliveira, vestida de brocado e jóias preciosas.

— «Só me resta, para consolação, ver-vos (Pelote) diante desta Virgem da Oliveira que, se uma vez vos livrou da morte, vos pode ainda ressuscitar a nova vida».

Vida nova!... ¿Quem não vê neste apelo à intervenção miraculosa da Padroeira de Guimarães a falsca inflamatória da revolução do resgate?!

Era tão evidente este sentido que o frade prègador, como que em confidência, arrematou por este modo o seu dizer:

— «Vós julgareis, Senhora, das razões em que me fundo...»

E prosseguindo:

— «Digo pois, venerável Pelote, que vos vejo muito vèlhinho; medo hei que, como velho, hão de dizer tendes já perdido o ciso, estais caduco, inhábil para o govêrno; e, quando por velho vos não ponham na forca, esquartegem, deitem aos cães e bestas feras... ao menos deitar-vos-hão por esse mar abaixo, como os romanos os deitavam da ponte ao rio».

Portugal! Um velho então de cinco séculos, escarnecido, humilhado!

Fr. Luís da Natividade, orgulhoso da sua ascendência lusitana, não suportava a dominação dum governo estrangeiro no reino de Portugal.

Por culpa de quem?

Da nobreza e do alto clero, que não do povo. Ainda nesse ano de 1638 o frade prègador escalpelizava essa fidalguia reles, não feita à velha lei da nobreza; sobretudo, a gente nova que "querendo parecer mui sisuda„ mostrava «gulas» (como o prègador dizia) «da sua vassalagem a Castela».

Razão porque o prègador, acicatando essa mocidade, exclama, amargamente, deplorando o «velho honrado» — Portugal:

— «Afronta a maior para um velho honrado, é ver-se zombado e escarnecido dos moços, de quem dantes não fazia caso para companheiros dos seus cães de gado».

Continuando a escalpelizar a fidalguia portuguesa, presunçosa, traça este quadro, nítido e real quadro de um tipo social e de uma época:

— «Vistes já em casa de senhores, caterva de pagens, acrescentados escudeiros, vestidos de ricas librés, feitos pavões na roda, cores e presunção?»

«Por dentro, nem há gibão, nem siloura, nem camisa, nem com que matar a fome».

Alguns escritores estrangeiros — dentre os quais Clenardo, no séc. XVI — já haviam focado a existência deste tipo singular de peralvilho, ostentoso e sem rendas.

Mas o frade prègador, prosseguindo na pintura, esboça este contraste:

«— ¿E vistes o rústico lavrador com capote de burel, calçado de pau, ter a casa farta, cheia para si e sua família?»

«O mecânico oficial, que não entra em Senado, entrar contudo na praça a buscar peixe, no açougue a comprar carne?

«Pois qual é melhor, senhora: aquelas librés, aquelas bizarrias, aquelas rodas e pavonadas, mortas de fome, ou est'outras humildades, suficientemente abastadas?»

Tal era o viver da nobreza e do povo.

Oiçamos agora o que nos diz o frade prègador, quanto ao panorama da Nação:

«...eu vejo vossas alfândegas despejadas; vossos almazéns sem nada; vossos portos sem naus; as casas das vossas contratações desertas; as logeas das vossas mercadorias sem donos; vossos soldados sem pagas; vossas fronteiras sem munições; e, enfim vos deitam em rosto que vos acodem as outras coroas com socorro, e não vos socorreis a vós mesmos!»

Nada falta a esta pintura — a Nação de 1638.

Rebelo da Silva, focando o aspecto económico, político e social da situação do país nas vésperas de 1640, escreve:

«Todas as classes, ofendidas e hu-

(Conclue na 4.ª página)

A. L. de Carralho.

REGRESSA AO BRASIL

o Benemérito

Snr. Albano de Sousa Guise

O nosso querido Amigo e ilustre conterrâneo Snr. Albano de Sousa Guise que há dois meses se encontrava em Guimarães, onde veio de visita a sua família, vai regressar dentro de breves dias ao Rio de Janeiro, tendo, por esse motivo, partido para Lisboa na quarta-feira de manhã.

Em sua casa e na hora da sua partida compareceram a apresentar-lhe cumprimentos de despedida e a desejar-lhe — como bem merece — uma viagem feliz e as mais crescentes prosperidades, alguns amigos e componentes da Mesa da Irmandade e da Comissão de Melhoramentos da Penha, da Santa Casa da Misericórdia, das Oficinas de S. José e Casa dos Pobres.

A'quele nosso prezadíssimo amigo, agradecendo o seu abraço de despedida, queremos desejar uma boa viagem e as maiores e melhores prosperidades.

Batalha de Aljubarrota

Conforme temos noticiado realiza-se, no dia 14, no Padrão de N. S.ª das Vitórias, a expensas da Câmara Municipal, a patriótica comemoração da Batalha de Aljubarrota, que deve atingir a maior solenidade. Assistirão S. Ex.ª Rèv.ma o Senhor Arcebispo Primaz, S. Ex.ª o Senhor Governador Civil do Distrito e demais Autoridades e pessoas de representação que para esse fim foram convidadas.

A comemoração iniciar-se-á às 11 horas, com missa solene, campal. Ao evangelho o Rev. António de Castro Mendes, do Seminário de Braga, pronunciará uma alocução alusiva ao acto.

Arquitectura gótica em Guimarães

Estiveram na última quinta-feira em Guimarães, o Sr. Dr. Manuel Monteiro, eminente arqueólogo bracarense, e o artista-ferreiro Sr. Lourenço Chaves d'Almeida, a quem o país deve a jóia primorosa do «Lampadário da Pátria», colocado junto do túmulo do «Soldado Desconhecido» no Monumento da Batalha.

Ambos foram hóspedes do Museu de Alberto Sampaio, tendo sido acompanhados pelo director do mesmo estabelecimento de arqueologia artística num inquérito aos elementos da arquitectura gótica desta cidade, do particular interesse do Sr. Lourenço Chaves d'Almeida, e visitando, por isso, o Padrão do Salado, a Capela de S. Braz, a igreja de S. Domingos, a Colegiada, os Paços dos Duques de Bragança e Guimarães e, finalmente, o exterior e interior da nossa infeliz igreja de S. Francisco.

O Sr. director do Museu de Alberto Sampaio, que ofereceu, ao fim da reunião cultural, um modesto *lunch* aos seus hóspedes, congratulou-se, junto dos mesmos, pelo interesse manifestado pela conservação das tradições artísticas de uma cidade que foi e é mais do que aquilo que muita gente pensa...

Pintor Henrique de Medina

Conforme havíamos anunciado esteve nesta cidade na passada segunda-feira, em companhia do ilustre Presidente da Câmara Municipal do Porto, Sr. Dr. Luís de Pina e de sua Esposa a Sr.ª D. Maria de Lourdes Teixeira de Barros Andrade e Pina, o eminente Pintor de Arte Sr. Henrique de Medina, a quem nesse dia foi oferecido um jantar intimo pela Sr.ª D. Maria José Teixeira de Barros Rocha Vieira e seu marido o nosso prezado amigo Sr. Fernando Mário Leite Rocha Vieira, na sua linda Casa d'Arca, próximo desta cidade.

Assistiram ao jantar várias individualidades em destaque, de Lisboa e do Porto,

Sabemos que o ilustre visitante, que veio assistir às famosas festas, retirou verdadeiramente encantado com tudo o que lhe foi dado ver, muito especialmente com a **Marcha Gualteriana** que muito elogiou.

A Padroeira de Guimarães

Vem desde o alvorecer da Nacionalidade, como todos sabem, a devoção à Virgem da Oliveira. Já Afonso Henriques lhe consagrara a sorte das armas, colocando-as sobre o Altar que Mumadona lhe erigira naquele piedoso Mosteiro que, a par do Conde Hermenegildo, fôra o cumprimento dum sagrado voto. Neste Mosteiro se acendeu a primeira chama da Lareira pátria, a cujo fogo ardente vão aquecer se os primeiros devotados Cavaleiros que de montante e cota de malha vão conquistando a Independência. Mais tarde, é o Mestre de Avis que em romagem longa aqui chega, e contente de vencer os castelhanos, logo pensa, comovido, render solene preito à Virgem Padroeira dos Vimaranenses reconstruindo o velho Templo românico em linhas mais grandiosas! Foi assim que surgiu a formosa fachada da actual Igreja, tão lastimosamente desbaratada pelo barbarismo de ignorantes Reformadores — que sempre os houve em todos os tempos! Diga-se, de passagem, que seria uma das mais beneméritas obras a realizar em Guimarães o restauro daquele formoso monumento tão combalido e decrépito, merçê do tempo e dos estragos que lhe fizeram. A nossa terra vive sob o mau signo de ver os seus melhores Monumentos religiosos — Senhora da Oliveira, S. Francisco e S. Domingos — abandonados uns em meio de seus restauros, já de há muito iniciados, outros condenados talvez a uma total ruina! O Estado, que tem sido incansável e pródigo em repartir copiosas verbas com que se reedifiquem os nossos padrões nacionais, não lhe deve pesar culpa nestes lamentosos factos, que apenas representam (quanto a nós) pouca dignidade nos directos Encarregados de tais emprezas...

Mas... é Nossa Senhora da Oliveira, é a Virgem Santa, cuja trigueira Imagem esplende ao alto da sua tribuna, mais entristecida talvez pela ingratidão dos homens, que nos prende hoje a atenção. E' o amor que lhe consagramos desde a infância que nos arrebata os olhos, abstriando da riqueza das jóias que raro agora a enfeitam — a coroa preciosa, o peitoral riquissimo, recoberto de filigranas, o pesado trancelim de oiro. E' apenas Santa Maria da Oliveira, que surge no escudo do estandarte camarário, e ainda não há muitos anos se encrustava na parede da Torre da sua Igreja, sobre o tanque que ali existia (peça de bronze hoje guardada no Museu da S. M. S.); é Ela que nós quiseramos ver mais ardentemente venerada e festejada, entre os esplendores duma crença que se não apaga, mas de cada vez mais deve fortificar-se no coração de todos nós. E' sabido que a nossa época é em extremo materialista e bárbara, dando de barato às coisas do Espirito, para entronizar seus idolos pagãos! A estupidez dos *Bombas* prende a atenção do mundo *científico*, tentando ridiculamente dominar os elementos da vida física e natural, sem o respeito pelo Criador! Ao cabo, tudo se desfaz em cinza e fumo, nessa obra de Destruição que em fúria apocaliptica, metòdicamente estabelece o Caos!... A confusão internacional por falta de boas intenções alastra e envenena, como os membros dum polvo gigantesco! Só raramente um suave lampejo consegue iluminar esta noite caliginosa, como a Voz do Santo Padre, sentado na Cadeira de Pedro! Infatigável coração de Pastor guiando as ovelhas tresmalhadas ao melhor redil!... Que Deus O oiça e se apiede de nós!

Portugal, que foi um desses raros e abençoados oásis donde a Paz não fugiu, lá tem na Virgem Imaculada o farol salvador, que não engana! E Guimarães, o Berço da Nacionalidade lusitana, na Virgem da Oliveira o símbolo da mesma Paz esculpido naquele velho tronco sempre verde, em cujas ramalhosas frondes os corações dos Vimaranenses sempre se hão-de abrigar!

Jerónimo d'Almeida.

Justa homenagem a dois Beneméritos na Santa Casa da Misericórdia

Os beneméritos Srs. Comendador Alberto Pimenta Machado e Albano de Sousa Guise — dois nomes que Guimarães admira e respeita — receberam na segunda-feira, na nossa Santa Casa da

Comendador Alberto Pimenta Machado

Misericórdia, o merecido prémio do seu muito bem fazer.

A sua obra — obra bem digna de louvor — realizada no Campo Social foi posta em relevo e os seus retratos feitos pelo distinto Pintor Professor Abel Cardoso, foram descerrados por entre aplausos, na honrosa galeria dos benfeitores da nossa primeira Instituição de Assistência.

Pode bem dizer-se que a cidade se associou por intermédio de muitos dos seus valores representativos àquela justíssima e oportuna consagração que calou profundamente no coração dos homenageados e que em todos os assistentes deixou a consolação do dever cumprido.

Entre a assistência foi-nos possível tomar nota de alguns nomes: Dr. João Rocha dos Santos, Dr. Aventino Leite de Faria, Dr. Carlos Saraiva, Dr. Mário Dias de Castro, Dr. João Afonso de Almeida, Dr. Augusto Ferreira da Cunha, Dr. Alberto Rodrigues Milhão, Dr. João da Mota Prego, Dr. Augusto Monteiro Dias de Castro, Dr.ª Edwiges Machado, P.e Domingos da Silva Gonçalves, P.e José Carlos Simões de Almeida, P.e José Ferreira Leite, P.e Avelino Pinheiro Borda, P.e Luís Gonzaga da Fonseca, Mário de Sousa Meneses, Dr. Fernando de Matos Chaves, José Mendes Ribeiro Júnior, Comandante da L. P., Antão de Lencastre, Manuel Alves de Oliveira, João A. Silva Guimarães, Camilo Larangeiro dos Reis, Alfredo Félix José Gilberto Pereira, Domingos Mendes Fernandes, Amadeu C. Penafort, António José Pereira Rodrigues, José de Oliveira Pinto, António Teixeira de Melo, P.e António Alberto Ribeiro, Fernando Jordão, João Mendes Fernandes, Tenente Manuel Peres, da P. S. P., Domingos Pereira Mendes, Inácio Ferreira, Joaquim de Sousa Neves, João António Sampaio, Belmiro dos Santos Martins, Joaquim Pimenta Machado, Pedro da Silva Freitas, Manuel Machado, José F. Correia e João de Deus Pereira. Estavam também presentes muitas senhoras, pessoal da Misericórdia, inválidos dos Asilos, rapazinhos das Oficinas de S. José, etc., etc.

O Prof. José de Pina representava o Sr. Dr. Nuno Simões e o nosso Director representava o Sr. João Teixeira de Aguiar.

Presidiu à Sessão Solene o Provedor da Misericórdia e nosso querido amigo sr. Mário de Sousa Meneses, ladeado pelos homedageados e pelas sr.as D. Ana Mendes Fernandes Pimenta e D. Maria de Lourdes Guise, respectivamente esposa do Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado e irmã do Sr. Albano de Sousa Guise e ainda pelas autoridades presentes, os srs.: José Mendes Ribeiro Júnior e Tenente Manuel Peres, Comandantes da L. P. e da P. S. P. e pelo Sr. Dr. Carlos Saraiva.

O Sr. Prof. Mário Meneses agradece às autoridades e demais pessoas presentes a sua assistência àquele acto e refere-se a este dizendo:

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Na minha qualidade de humilde Provedor desta Santa Casa da Misericórdia, sou obrigado a dizer duas palavras sobre o acto que se vai realizar por iniciativa da Mesa Administrativa a que muito me honro de presidir e cujo objectivo apenas tem em vista o cumprimento de um dever perante as acções de benemerência dos Ilustres Homenageados, praticadas em prol da

Albano de Sousa Guise

Caridade exercida por esta benemérita Instituição. Seria uma falta sem desculpa ou uma injustiça sem perdão, que na galeria dos muito Benfeitores desta Santa Casa não se encontrassem os Ex.mos Senhores Comendador Alberto Pimenta Machado e Albano de Sousa Guise, dois nomes já consagrados na História da Beneficência e que, portanto, se tornaram dignos de que esse facto não passasse despercebido às futuras gerações, afim de o seu exemplo lhes servir de estímulo no sentido de praticarem o Bem em benefício de quem desse Bem tiver necessidade. Se assim acontecer, isto é, se os vindouros seguirem o caminho daquelas pessoas que lhes legaram esse nobre e humanitário exemplo, esta simples homenagem terá para nós uma dupla satisfação — a de se praticar um acto de indiscutível justiça e a de se despertar noutras pessoas a vontade de socorrerem o seu próximo. A quando da discussão do actual Estatuto de Assistência, na Assembleia Nacional, disse o Sr. P.e Carlos Borges "que a vida não seria possível e que a sociedade não seria uma grande reunião de homens, mas sim uma alcateia de feras, se os ricos — aqueles que têm muito — não devessem dar pobres„. De facto, o dever de os ricos socorrerem os pobres é um dos preceitos de maior envergadura da solidariedade humana, mas, infelizmente, o decorrer dos anos e dos séculos tem demonstrado que esse dever tem sido desprezado por muitos deles, todos os que da sua riqueza não têm desviado um centavo para atenuar a triste situação da miséria do seu semelhante pobre. Esses, os autênticos escravos da Avareza da riqueza, e são exactamente os que mais contrariam as homenagens desta natureza, por meio das quais se exalta quem, de facto, deve ser exaltado. E porque assim é, porque assim deve ser e porque assim será, seria um crime deixar no esquecimento os Ilustres Homenageados de hoje, não só por tudo quanto já têm feito, mas ainda por aquilo que, por certo, continuarão a fazer como fervorosos Obreiros do Apostolado da Caridade. Sim, a Caridade, esse princípio de formação do mais alto valor social e moral, que eleva quem a pratica e não vexa quem é acarinhado por ela! E' por meio da Caridade, como disse, na já citada Assembleia Nacional, o Sr. Dr. João Antunes Guimarães, "que se expurgam da sociedade terríveis quadros de miséria, que a ensombram, e lhe alteram o equilíbrio indispensável à boa harmonia e à necessária prosperidade„.

Por isso, mais uma razão para hoje nos encontrarmos aqui reunidos, afim de glorificarmos, embora muito modestamente, os nomes de dois Benfeitores, a cujas virtudes e a cujos merecimentos ainda há dias foi feita a devida justiça nas simpáticas Instituições de Caridade Vimaranenses "Oficinas de S. José„ e Casa dos Pobres, das quais, igualmente, são devotados protectores.

Verifica-se, pois, que não nos encontramos, apenas, na presença do despertar dos mais nobres sentimentos de solidariedade humana, mas que, pelo contrário, nos encontramos a colher o fruto bendito desses sentimentos, que há muito já despertaram no coração generoso e bom dos nossos

(Conclue na 4.ª página)

Foram grandiosas e concorridíssimas as

Festas Gualterianas

que ofereceram espectáculo cheio de brilho

As Festas Gualterianas ou Festas da Cidade terminaram há já quase oito dias mas a impressão que deixaram nos muitos milhares de forasteiros perpectuará, pelos tempos fora, tal a grandiosidade de que se fizeram revestir.

Não houve ninguém que não ficasse maravilhado com todo esse espectáculo grandioso que a Cidade, graças à iniciativa e ao esforço de um punhado de seus filhos, ofereceu, durante três dias, a todas as pessoas, — dezenas e dezenas de milhares delas! — que nos visitaram e percorreram encantadas as nossas ruas e assistiram, deslumbradas, às Feiras Francas, ao Concurso Pecuário, ao Cortejo Regional, às Toiradas, aos Festivais, à inegulável e feérica Marcha Gualteriana!

Prometeu-se e cumpriu-se!

E não houve, por certo, nem uma só pessoa que, ao retirar, tivesse motivo para esboçar um reparo.

Tudo foi bom. Guimarães, ciente dos seus deveres, não deu a ninguém motivo para uma censura.

As festas foram aquilo que nós queríamos.

As nossas festas foram as maiores e melhores festas de Portugal.

As decorações e iluminações foram muito apreciadas, não obstante algumas delas não serem bem aquilo que a Comissão contratou, sendo por isso mesmo lamentável que não tivesse havido mais escrúpulo por parte das pessoas encarregadas desse serviço.

* * *

As Feiras Francas e o Concurso Pecuário registaram enorme afluência de gado e de expositores. No decorrer das Feiras efectuaram se transacções avultadas e no Concurso Pecuário, a que assistiram as Autoridades locais e pessoas de representação no meio.

No Mercado Municipal — um mercado que honra a cidade — moderno, amplo e limpo, reuniu o júri do Concurso Pecuário, composto pelos Srs. Drs. João Beleza Ferraz, Intendente de Braga, Dr. José do Rosário, Dr. Augusto de Castro, Dr. Raul Jacob, Dr. José Gonçalves e, pelos lavradores, João Ribeiro Dias e João Carvalho. Houve sessenta concorrentes, e na mesa de honra para a distribuição dos prémios — diplomas e importâncias em dinheiro no total de sete mil e quinhentos escudos — tomaram lugar, ainda, o vice-presidente da Câmara Municipal, Dr. Augusto Cunha; Tenente Manuel Peres, Comandante da P. S. P.; Sr. António José Pereira de Lima, Presidente honorário da Comissão das Festas e os membros da Comissão Executiva Srs. José Mendes Ribeiro Júnior e Francisco Ribeiro de Castro.

Para a raça turina (vacas de criação e produção leiteira), conquistaram os três primeiros prémios: Domingos Leite de Oliveira, de Cepães, Fafe, José Torcato Ribeiro Júnior, da Oliveira, Guimarães, e António Ribeiro, da Oliveira, Guimarães.

Para suinos (raças inglesas), o triunfo pertenceu ao tratador e industrial portuense Agustin de la Llave, que já no ano passado arrebatou, na mesma competição, todos os primeiros prémios das várias categorias. Este ano teve os dois prémios atribuidos a porcas e o primeiro para varrascos. O segundo para varrascos pertenceu a Belmiro Mendes de Oliveira, de Azurém, Guimarães, e o prémio para a raça bísara (porcas de criação), coube a João Francisco Mendes, de Pinheiro, Guimarães.

Na raça cavalar só um expositor — Manuel Novais Fernandes, de Rendufe, Guimarães — conseguiu classificar-se.

Para bovinos, conquistaram os principais prémios: António Machado e António Fernandes Araújo, de Fafe, e Manuel da Costa Mougos, de Guimarães (com touros reprodutores de dois a seis anos); José Luís Vieira de Castro e Albino Alves, de Fafe, e António Matos, de Gavião, Famalicão (com vacas de criação e trabalho); António Fernandes de Araújo, de S. Clemente, Fafe; José Luís Vieira de Castro, Fafe, e Alberto Campos, de Guimarães (juntas de criação e de trabalho — vacas); João Abreu, de S. Martinho de Candoso, Guimarães; Manuel Pereira de Moura, de Creixomil, Guimarães, e António José de Matos, de Atães, Guimarães; José Pedro Fernandes, de Esporões, Braga, e Bento Rodrigues, de Atães (com novilhos de trabalho).

* * *

Ao Concurso de Fachadas concorreram bastantes pessoas. Havia em algumas ruas da cidade sacadas com lindíssimas decorações. Notava-se Arte e bom gosto. Foi um fúmero lindo e que despertou interesse.

No domingo de manhã, o júri, composto pelos Professores Srs. José Luís de Pina, João Jorge Maltieira e Dr. José de Moura Machado, reuniu para apreciar as sacadas e procedeu à classificação pela seguinte ordem:

1.º prémio, 1.500$00, Orupo Recreativo «20 Arautos de D. Afonso Henriques»; 2.º dito, 1.000$00, Camilo Larangeiro dos Reis; 3.º dito, 500$00, Bento de Oliveira Coutinho.

* * *

No domingo de manhã efectuou-ee o Cortejo Regional, com carros alegóricos e grupos de camponeses.

O desfile iniciou-se às 11,30, assinalado com o estralejar de várias girândolas de foguetes.

Abria o Cortejo um grupo de Zés P'reiras, da Senhora da Conceição, seguindo-se uma deputação da Associação dos Agricultores e Lavradores de Guimarães com o seu estandarte.

Vinham, depois, alternadamente, carros de bois e ranchos regionais de Pevidém, Madre de Deus, S. Torcato, Guimarães, Pinheiro, Costa e Atães, alguns com os seus tocadores. Vistosos açafates de flores eram transportados à cabeça por sádias moçoilas de vestes minhotas, que entoavam cantigas regionais.

Os carros, em número de dez, traziam os jugos belamente ornamentados com ramagens, segundo a tradição e representavam diversas fases dos trabalhos agrícolas, sobre o linho, o vinho e o centeio. Nos seus estrados grupos de camponeses executavam as tarefas a que cada um aludia, sendo muito curioso o que apresentava um grupo de velhinhas fiando as suas rocas.

Também se encorporaram no cortejo as bandas da Oficina de S. José, de Vizela e dos B. V. de Guimarães, que fechava o préstito.

A' passagem do policromo cortejo, por todas as ruas, largos e praças do percurso, comprimiam-se milhares de pessoas, nos passeios, janelas e varandas, que não se cansavam de o apreciar e aplaudir.

* * *

Os festivais noturnos em todos os três dias foram deslumbrantes. No sábado, no Largo da República do Brasil onde se viam dezenas de barracas de atracções — carrosséis, automóveis eléctricos, fotografias, barracas de farturas, quinquilharias, escolas de tiro, etc. — houve arraial minhoto, concorrido e animado por ali atrair já grande multidão. Bandas de música tocaram em elegantes coretos, grupos de festadas movimentaram-se pelas ruas e perto da uma hora o foguetéiro de Ponte da Barca, Gomes da Costa & Filhos, apresentou-nos uma sessão de fogo que foi das mais apreciadas das Festas.

Afastado de Guimarães há bastantes anos já, o exímio pirotécnico aqui entrou, agora, e pelo pé direito...

Vistosa iluminação era completada, como «pano de fundo» de deslumbrante cenário, com o elegante templo dos Santos Passos contornado com milhares de lâmpadas eléctricas de diversas cores. Um quadro belo que deslumbrava.

No domingo e na segunda-feira houve festival em toda a cidade. A maior parte das ruas e das praças estavam iluminadas com muitos milhares de lâmpadas, num conjunto de lindo efeito. E todas as ruas e praças se movimentaram extraordinàriamente, sendo por vezes e em certos pontos difícil o trânsito.

Numerosas bandas de música, das mais reputadas do Norte do País, fizeram-se ouvir em elegantes coretos espalhadas pela cidade.

O povo deu largas ao seu entusiasmo. Toda a cidade viveu horas da mais comunicativa alegria e pouco antes da uma da madrugada começou a ser queimado o fogo do ar, muito lindo, muito vistoso e em grande quantidade, dos pirptécnicos Srs. Silva & Filhos, de Viana do Castelo e J. Fernandes & Filhos, de Lanhelas. Entretanto e no Jardim Público, onde a concorrência foi grande e cujo recinto estava lindamente decorado e iluminado, a excelente Banda de Infantaria 6, do Porto, a quem havia sido feita carinhosa recepção, com cumprimentos de boas-vindas no Grémio do Comércio, dava um magistral concerto, com magnífico programa.

* * *

As Toiradas de domingo e segunda-feira foram números dos mais brilhantes das festas.

A tourada de domingo, com uma casa repleta, foi, pela categoria dos lidadores e pela casta dos toiros, um dos grandes números da parte profana das festas.

Lidaram, elegante e heròicamente, os cavaleiros Francisco Murteira e José Casimiro, sempre delirantemente aplaudidos.

Os touros, de boa casta, bravíssimos, foram severamente castigados pelos dois cavaleiros e bandarilheiros.

Na segunda-feira, às 18 horas precisas, efectuou-se a segunda corrida de toiros, com a lotação esgotada. Casa, pois, à «cunha».

O cartaz do toureio era atraente, dois cavaleiros conhecidos e admirados, João Núncio e Dr. João Rosa Rodrigues.

A espectativa do público não foi iludida. Tal como na corrida de véspera, artistas e animais corresponderam. O toureio foi formidável. E os artistas, cavaleiros, bandarilheiros, forcados, receberam delirantes ovações.

Vamo-nos agora referiar à **Marcha Gualteriana**, esse número extraordinário que atraiu a Guimarães, na noite de segunda-feira, uma multidão incalculável de pessoas, vindas por todas as formas e de todas as partes e que não puderam esconder a sua grande surprêsa ao ver desfilar o cortejo luminoso que lhes oferecia, assim, um espectáculo verdadeiramente inédito.

Mesmo no estrangeiro — isso o afirmaram pessoas que têm corrido mundo e que na segunda-feira vieram a Guimarães — não há nada que se possa comparar à nossa inimitável **Marcha**.

As «Gualterianas» fecharam com chave de ouro O dia de segunda-feira, rico de diversões, teve um remate estupendo: a «Marcha Gualteriana».

Dir-se-á, sem exagero, que ela constituiu o «clou» das festas. Mas que «clou».

Toda a cidade era, ali já pelas 10 horas da noite, um mar de gente. Com dificuldade se atravessava em qualquer rua. Mas os comboios continuavam a despejar gente e os carros surgiam de todas as estradas.

A' meia noite precisa a **Marcha Gualteriana** animada por uma girândola de fogo, surgiu no Toural.

A abrir o cortejo vinham 4 arautos montados a cavalo, trajando à época afonsina e conduzidos por outros tantos lacaios, seguidos pela figuração dos "Zés P'reiras„ de papel e arame, acompanhados por "Zés P'reiras„ autênticos e por alguns sinaleiros.

O primeiro carro, como não podia deixar de ser, é o carro da cidade que leva o "castelo„; um medalhão com a efigie de Afonso Henriques; figuras do Comércio e da Indústria em carne e osso, guerreiros afonsinos e joaninos.

A multidão vibra de entusiasmo; as senhoras riem e dão palmas. Como por encanto, de algumas varandas caem flores numa chuva de perfume e graça. Ao céu — na noite que não é, positivamente, de silêncio — elevam-se berros que são fruto do entusiasmo. As frases trocam-se de janela para janela, as impressões cruzam-se captadas mesmo por indivíduos que não se conhecem. Há momentos em que, perdido o acanhamento e ganha a confiança, os desconhecidos se abraçam. Não pode existir sizudez ou indiferença.

Cinquenta mil pessoas? Talvez cem mil ou mais. Um mundo de gente que não tendo mútuas relações julga que se conhece.

E o cortejo prossegue. O desfile não para. Passam seis caravelas ladeadas por doze peixeiras, três sinaleiros, nove músicos com respectivos instrumentos e quatro cestos com patos rodeados por oito mariposas.

O carro dos cisnes tem uma concha, dentro nove meninas e a puxá-lo dois cisnes de delicada confecção.

Tudo que se vê — já o dissemos — tem movimento. Os olhos mexem catrapiscando, os lábios movem-se como se os bonecos falassem, os braços têm ritmo, os corpos agitam-se. E' um mundo de luz, um vulcão de cor.

Os olhos têm lume, as bocas têm lume — tudo é luz, mostra surprêsa, tudo ultrapassa a espectativa, tudo deslumbra.

Intercalados com figurações aparatosas, estravagantes, de todas as formas e de todas as épocas — tanto do reino irracional como racional, do autêntico ou da fantasia — seguem os carros. Cada um fundamenta-se em motivo diferente — cada carro é um capricho de imaginação e arte.

No «Carro do Fado», dedicado à típica canção, dois gatos tocam viola e guitarra e a gata canta... estando a «ouvi-los» dois supostos apreciadores do fado que se bamboleiam embalados pela dolência da chamada «canção nacional».

Exibindo uma cena alusiva às touradas, com bonecos e homens, aprecia-se num carro uma pega, em que o touro atira ao ar o moço de forcado.

O «Carro da Dança» conduz uma siameza com um guarda-sol em movimento, fidalgos da época de Luis XV num elegante minueto e algumas bailarinas de puro estilo francês da actualidade.

A «Festada» segue num carro de largo estrado. Homens e mulheres do campo dançam, dançam os bonecos agarrados a um mastro e as flores dum cesto monumental tanto parecem duma como doutra cor... porque as projecções electrtcas, em mutação permanente, concorrem para tal capricho.

O último carro — o «Pagode Chinês» — é, pelo efeito e pela riqueza das decorações, pela perfeição das figuras, o mais caro, mais vistoso e melhor. A' frente vê-se uma carranca e depois um pagode chinês entre bambus, Buda num trono de fantasia e graciosas chinesinhas a agitarem os balõesinhos.

António Lima apresentou um trabalho digno dos maiores louvores. Está de parabéns — os parabéns que conquistou, merecidamente, apresentando-nos um carro de tão belo efeito.

Por fim, a fechar, um carro de aspecto bélico — o «Carro do Assalto» — que durante o trajecto teve as peças de largo calibre em movimento e projectou, no espaço, fogo de balonas, dedicado ao glorioso exército português.

* * *

O desfile da *Marcha* despertou um entusiasmo indescritível. Ouviam-se vivas, palmas, exclamações sem fim.

E os elogios, os louvores, as boas referências, foram unânimemente tecidos por todos quantos assistiram a tão grandioso espectáculo.

Terminada a Marcha, foi queimado vistoso fogo preso de Silva & Filhos, de Viana do Castelo, e já passava das 2 da madrugada quando o *bouquet* monumental, de surpreendente efeito, pôs termo às festas deste ano — às nossas memoráveis festas de 1946.

* * *

Na segunda-feira, dia 5, e de conformidade com o programa estabelecido, houve, às 11 horas, no templo dos Santos Passos, a festa religiosa em honra de S. Gualter, com missa a grande instrumental. E, nesse mesmo dia, a Comissão Executtva fez distribuir um Bodo a algumas centenas de pobres necessitados, dando assim uma nota de sentimentalidade ao programa geral dos festejos.

* * *

Nesse mesmo dia, de manhã, as Comissões Executiva das Festas e da Marcha Gualteriana, assim como a Direcção do Sindicato N. dos Caixeiros, a Direcção do Sindicato N. da Indústria Têxtil e numerosos amigos do inolvidável Padre Gaspar Roriz, que foi grande entusiasta das festas e idealizador da Marcha — ao tempo Marcha Milanesa — foram em romagem de saudade ao seu túmulo, ao Cemitério de Atouguia, desfolhando sobre ele muitas flores.

* * *

Os lugares mais visitados em Guimarães, durante as Festas Gualterianas, foram, respectivamente, a Penha, o Castelo de Guimarães, o Museu de Alberto Sampaio, a Sociedade de Martins Sarmento, os Paços dos Duques de Bragança, a Igreja da Colegiada, os Bombeiros Voluntários e os Mosteiros de S. Torcato e da Costa.

As dezenas de milhares de pessoas que ficaram conhecendo esses locais e estabelecimentos públicos e particulares, ficaram conhecendo qual a grandeza histórica e monumental da cidade e concelho de Guimarães.

Toda esta acção de trabalho se torna necessária, se não indispensável, ao prestígio e à economia da nossa querida terra.

* * *

A propaganda das festas foi notável, sem que tivesse havido o mínimo exagero.

As emissoras nacionais referiram-se às festas em termos elevados. E mesmo a B. B C., de Londres, nos brindou com elogiosa e oportuna referência, na sua emissão da *Voz de Londres*, de domingo, dia 4.

Todos os números das festas foram filmados para que possam oferecer ao público sugestivo e eloquente documentário.

* * *

Os serviços prestados pela P. S. P. e pela G. N. R. na manutenção da ordem, na regularização do trânsito e na repressão dos amigos do alheio, foram bem merecedores de todos os elogios. Não se registaram quaisquer ocorrências: nem desastres, nem desordens, nem roubos, não obstante terem-se reunido muitas dezenas de milhares de pessoas e terem circulado pela cidade milhares também de automóveis.

O Sr. António Ferro, ilustre Secretário Nacional de Informação e Cultura não pôde, como tanto desejava, aceitar o convite que lhe fôra feito para assistir às Festas como hóspede da Cidade. Afazeres inadiáveis obrigaram-no a desistir da sua visita a Guimarães, conforme comunicou no sábado, em telegrama, à Comissão das Festas.

— Esteve em Guimarães o ilustre Chefe da Delegação no Porto do S. N. I. Dr. António Pinheiro Torres e, estiveram também, alguns funcionários daquele Organismo que vieram tratar de assuntos de reportagem e filmagem.

Assim, todos os números das Festas foram filmados para que em breve possam correr os cinemas de Portugal, a dar às plateias uma ideia do que foram as famosas GUALTERIANAS.

CONTRASTES!...

Antes e depois

Foram várias as vezes que nós referimos, aqui, à confiança que nos mereciam as pessoas que constituiam as Comissões encarregadas da realização das Festas Gualterianas. Da mesma forma, nos referimos ao velho hábito dos vimaranenses não terem a pretensão de iludir os forasteiros com programas de retumbância, mas apenas para *inglês ver*, como, infelizmente, sucede, por vezes, em outras terras. Referimo-nos, ainda, à sensação que causaria a Marcha Gualteriana, cortejo luminoso do mais deslumbrante efeito e único no país. Agora, que as Festas já fazem parte da sua História, temos a suprema consolação de podermos afirmar que não houve a mais ligeira nota discordante a contrariar as nossas previsões. As Festas Gualterianas de 1946 estiveram à altura da categoria desta Terra e através delas se pôde ver a imagem do seu passado mais imponente. Enviados especiais de alguns importantes Diários assim as descreveram e assim, portanto, fizeram inteira justiça aos seus promotores, justiça à qual muito gostosamente nos associamos, porque, de facto, dela são muito dignos. Como dissemos, todo o programa foi cumprido sem qualquer alteração, não sendo da responsabilidade das referidas Comissões a exibição de um número vergonhoso e miserável, durante os três dias de Festas, que foi o da Carroça do Correio. Alguém disse — e com razão — que Guimarães de modo algum deveria continuar sujeita a esse cortejo de miséria! Nós também dizemos a mesma coisa, mas a Direcção Geral dos C. T. T. pensa o contrário. Enfim, paciência!...

Festas de Caridade

Ao falar de Festas, vem muito a propósito chamarmos a atenção das ilustres Damas Vimaranenses para o exemplo de algumas terras que estão a promover Festas de Caridade em benefício das suas Instituições de beneficência e cuja iniciativa tem partido de piedosas Senhoras dessas localidades. Ora, como em Guimarães também há, felizmente, muitas Senhoras que se entregam à prática do bem em prol dos pobrezinhos, não deixaria de ser acolhida com grande satisfação uma iniciativa desse género. Portanto, aqui fica a lembrança.

Sem comentários

Lemos a seguinte notícia:

«Num estabelecimento de Nova York, foram, há dias, postas à venda camisas brancas, um artigo que, desde o começo da guerra, tem andado muito escasso. Segundo os números agora publicados pelo gerente da loja, só numa hora foram vendidas 5.000 camisas e que o total de um dia se elevou a 35.000. O preço de cada camisa foi de 2 dólares e 66 centavos (cêrca de 50 escudos), o que é superior à tabela oficial americana».

Trágico balanço

Transcrevemos, a título de curiosidade, o seguinte:

«Perderam-se, na Europa, mais de 15 milhões de vidas — Houve prejuízos superiores a 5.000 biliões de francos sufços — Foram arrasados mais de 23 milhões de edifícios públicos e industriais».

E depois desta tragédia, não virão melhores dias para a humanidade? Não se conseguirá extinguir a sombra negra da miséria? A ver vamos.

X.

Rosas e Espinhos!

Querida Amiga:

Como esperava — pois de ti só espero a satisfação de não me contrariares — cá recebi os teus aplausos respeitantes às minhas considerações sobre o exagero das pinturas. Infelizmente, muitas outras pensam o contrário do que nós pensamos e são essas as que, por sua vez, censuram o nosso modo de ver ou de proceder, apontando-nos como mulheres *antiquadas* ou classificando-nos de inimigas da educação moderna. E' natural que assim aconteça, porque, minha boa Maria Elvira, o *modernismo* é muitas vezes e em muitos casos um inimigo impenitente das boas qualidades e das boas virtudes, chegando mesmo a transformar as pessoas com a mesma facilidade com que o vento muda de rumo! Nunca deste por isso? Com certeza que não te tem passado despercebido, esse facto, visto que, como eu, tens por hábito não te desinteressares da forma como se vive, isto é, da forma como se respeitam ou se contrariam os bons costumes, em terras grandes ou pequenas, em gente humilde ou opulenta. E ao falar-te em humildade e em opulência, não devo deixar de te dizer que, quanto a pinturas e até quanto a vestuário, a pseudo humildade de certas pessoas é aquela em que mais se regista o exagero ou abuso de uma e de outra cousa. Conheço algumas mulheres — meninas e senhoras — que passam privações na alimentação, mas não deixam de estar abastecidas de *drogas* para as pinturas nem de acompanhar a moda — por mais esquisita ou extravagante que seja — que aparecer indicada nos mais recentes figurinos. Tudo isto quer dizer, minha saudosa amiga, que, se todas procedessem como nós ninguém poderia afirmar que há mulheres que são autênticos manequins de montra! No presente caso, falo contra o nosso sexo, mas apenas em parte e não no todo, porque como sempre tenho ouvido, a carapuça é só para quem ela servir. De resto, seria incapaz de deixar de reconhecer que não é só no nosso sexo que se encontram os defeitos citados. Os homens também os têm e nesses mais ainda se destacam, atendendo a que, pelo facto de serem menos vulgares, se tornam mais notados. Com este aditamento à minha última carta, mais uma vez terás ocasião de avaliar o quanto me encanta a simplicidade com que te apresentas, não obstante viveres numa terra de categoria. E se não é possível tornar maior a amizade que te dedico, é, pelo menos, fácil aumentar a liberdade de te dizer que nada poderá destruír os alicerces da nossa mútua compreensão. De nada mais precisaremos, pois, para triunfar na vida, nossa suprema consolação!

7/8/1946.

Muitas saudades e muitos beijos e abraços desta tua sempre amiga

Maria Margarida.

Beneficência do «Notícias»

Transporte . . .	3.640$00
Recebemos mais de João Pedro de Oliveira . .	7$50
A transportar.	3.647$50

Contemplamos alguns pobrezinhos.

MONSENHOR JOÃO RIBEIRO

No dia 13, às 10 horas, na capela do Cemitério de Atouguia, o rev. Carlos Alberto Ribeiro celebrará uma missa, sufragando a alma de seu saudoso irmão Monsenhor João Ribeiro, comemorando mais um aniversário da sua morte.

A Sapataria Vimaranense

tem para V. Ex.as, minhas Senhoras, os mais belos e elegantes modelos e o mais fino e variado sortido. Aconselhada está, portanto, uma visita à «Vimaranense», na Rua da Rainha, 82 — Guimarães. 170

da cidade

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 12, o nosso prezado amigo sr. Amadeu C. Penafort; no dia 14, o simpático estudante e nosso amiguinho sr. José Manuel Moniz Lima, filho do nosso querido amigo sr. António de Sousa Lima e de sua esposa e o também nosso bom amigo sr. Aprígio Neves de Castro; no dia 15, a sr.ª D. Maria Angelina de Araújo Abreu Brandão e os nossos prezados amigos srs. Carlos Teixeira Pinto, residente em Braga e Fernando Figueiredo; no dia 16, a sr.ª D. Nélia de Castro Guise, filha do nosso prezado amigo sr. Manuel de Sousa Guise; no dia 18, a sr.ª D. Maria de Belém Teixeira Mendes de Oliveira, filha do nosso prezado amigo sr. Belmiro Mendes de Oliveira e o também nosso bom amigo sr. António Augusto de Almeida Carneiro.

"Notícias de Guimarães„ apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

— No passado dia 6 fez 5 risonhas primaveras a menina Maria José Ribeiro Jordão, filhinha do nosso bom amigo sr. Francisco Lage Jordão e de sua esposa.

Muitos parabéns!

— Também fez anos no passado dia 7 o nosso prezado amigo e estimado proprietário da "Foto-Beleza„, sr. Manuel Machado, a quem abraçamos, embora tardeamente, com os votos de muitas prosperidades.

Partidas e chegadas

Estiveram em Guimarães, por ocasião das Festas Gualterianas, os nossos bons amigos, srs.: Coronel António de Quadros Flores, de Jugueiros; P.e Dr. Francisco de Melo e P.e Manuel Coelho, de S. Pedro da Raimonda; P.e Alexandrino Brochado, P.e Miguel de Oliveira e P.e Dr. Manuel Lopes, do Porto; Dr. Gabriel Teixeira de Faria, de Aveiro; Alexandre Teixeira da Silva, do Porto; Alvaro Penafort e esposa, de Celorico de Basto; Delfim de Guimarães e esposa, de V. N. de Gaia; Manuel Artur Gonçalves Ferreira e esposa, Leão Martins e José da Rocha Lima e esposa, do Porto; Conselheiro Dr. Raúl Alves da Cunha e esposa; Eng. Adelino Soares Leite e Tenente Bernardo de Castro, de Cabeceiras de Basto; Gualdino Augusto Carqueija, de Felgar; António José Ferreira; Ernesto Magalhães, de Viseu; Manuel José da Costa Guimarães, de Aveiro; António Salgado, de Riba d'Ave e José Gomes, da Póvoa de Varzim; Manuel Pina, Pedro Pereira de Freitas, Dr. Serafim Ferreira de Oliveira, residentes em Lisboa; Octávio Machado, em Amares, António José Ribeiro e esposa, no Porto; Francisco Guilherme Miller Guerra e esposa, em Vila Flor e António Salgado, de Riba d'Ave.

— Tem estado em S. Torcato o nosso prezado amigo sr. Valeriano Abreu.

— Partiram para as suas propriedades de Gémeos o nosso prezado amigo sr. Dr. Aventino Leite de Faria e para S. João de Rei o também nosso prezado amigo sr. Manuel da Costa Pedrosa.

— Encontra-se a veranear em Santo Tirso o nosso prezado amigo sr. Prof. José Neves, do Porto.

— Encontra-se a veranear em Viana do Castelo o nosso querido amigo e distinto Pintor de Arte, Prof. sr. Abel Cardoso.

— Encontra-se em Ponte do Lima o sr. Visconde de Cortegaça.

— Acompanhado de sua esposa sr.ª D. Esmeralda Guedes, encontra-se em Lisboa, a prestar serviço nos CTT, o nosso bom amigo sr. Alberto Poças Falcão.

— Encontra-se nas suas propriedades em Serzedelo a família do nosso prezado amigo sr. Manuel Joaquim da Cunha Machado.

— Com sua família, encontra-se na sua casa de S. Caetano, em Campelos, o nosso ilustre amigo sr. Dr. Fernando de Matos Chaves, a quem agradecemos os cumprimentos que se dignou apresentar-nos.

— Com suas famílias partiram para a Póvoa de Varzim os nossos prezados amigos srs. Tenente Coronel Francisco Martins Ferreira, Dr. José Maria de Castro Ferreira, Dr. Jorge da Costa Antunes, Joaquim da Silva Xavier, Dr. Joaquim de Oliveira Torres e Francisco de Faria.

— Esteve nesta cidade, tendo seguido para as Caldas das Taipas, a sr.ª D. Emília Augusta da Silva Gomes Queiroz, distinta professora oficial.

— Encontra-se em Caldelas a sr.ª D. Aurora Leite Soares Peixoto.

— Parte àmanhã para o Gerez o nosso prezado amigo sr. Manuel Machado, estimado proprietário da Foto-Beleza.

— Partiu com sua família para Vila do Conde, o nosso prezado amigo sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha.

— Com sua esposa tem estado em Vizela o nosso prezado amigo sr. David dos Santos Oliveira.

— Com sua esposa partiu para as suas propriedades de Polvoreira o nosso prezado amigo sr. Dr. João Rocha dos Santos.

— Tem estado em Guimarães a nossa distinta colaboradora sr.ª D. Maria José Ribeiro Vilas Soares (Zita de Portugal).

— Com sua mãe encontra-se nas suas propriedades de Taboadelo, o nosso bom amigo sr. Fernando Lobo Neves Pereira.

Pedidos de casamento

O nosso prezado amigo sr. Luís Maria Teixeira e sua esposa a sr.ª D. G. da Conceição Rocha Teixeira, pediram em casamento, para o sr. Dr. António da Mota Rebelo da Cruz, filho do sr. Capitão Manuel de Jesus Rebelo da Cruz e de sua esposa a sr.ª D. Beatriz de Araújo Pereira da Mota Cruz, ausentes na Africa Oriental Portuguesa, a mão da gentil menina Maria Elsa de Campos Sousa Guise, filha do nosso prezado amigo sr. Tenente Alvaro Martins de Campos e de sua esposa a sr.ª D. Custódia de Sousa Guise Campos, devendo realizar se em breve o auspicioso enlace.

Aos noivos desejamos, desde já, as maiores venturas.

*

O nosso prezado amigo sr. Celestino Leite de Oliveira Lobo, sócio da importante Fábrica de Tecidos da Cruz de Pedra, L.da, desta cidade, pediu em casamento para o sr. Manuel Batista Pinto, hábil guarda-livros da mesma empreza, a menina Ludovina da Costa Batista Pires Leite, gentil filha do nosso amigo sr. João de Oliveira Cosme e de sua esposa, a sr.ª D. Ana Batista, devendo realizar-se em Outubro próximo o auspicioso enlace.

Aos noivos desejamos muitas felicidades.

Doentes

Em quarto particular do Hospital da Misericórdia tem passado bastante doentinha a menina Maria Vitória Simões de Sousa Meneses, filha do nosso querido amigo sr. Prof. Mário de Sousa Meneses.

— Encontra-se em vias de franco restabelecimento o nosso prezado amigo sr. Francisco Laranjeiro dos Reis.

— Encontra-se melhor dos seus padecimentos o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. Alberto Ribeiro de Faria.

— Esteve doente mas já se encontra restabelecido o nosso prezado amigo e distinto clínico sr. Dr. João António de Almeida.

— Continua doente o distinto clínico e nosso prezado amigo sr. Dr. Alfredo Peixoto.

— Tem passado doente a sr.ª D. Alzira Lopes.

Desejamos o mais breve e completo restabelecimento de todos os doentes.

Apesar da falta de certos artigos, a CASA LARANGEIRO prima pelo seu incomparável sortido.
Visite pois a **Casa Larangeiro.**

Diversas Notícias

A favor da Cruz Vermelha

Pedem-nos para comunicar que o sorteio de uma bicicleta, ùltimamente realizado a favor da Cruz Vermelha Portuguesa, coube ao n.º 304

Peregrinação a Fátima

Continuam a ser recebidas bastantes inscrições para esta romagem de Fé e reconhecimento que em combóio, até Chão de Maçãs e daqui a Fátima em confortáveis camionetes, se realiza no dia 16 e 17 do próximo mês de Setembro.

A partida terá lugar no combóia das 7,20 da manhã, do dia 16 e, o regresso efectuar-se-á em combóio especial de 17 para 18, a hora o anunciar oportunamente.

A inscrição que é limitada, encerra no dia 1 de Setembro encontrando-se aberta nas Oficinas de S. José, Estação do Caminho de Ferro e Camisaria Martins.

O preço dos bilhetes incluindo combóio e camionete de ida e volta, em 3.ª classe, é de Esc. 180$00.

Em Fátima, serão prestados aposentos para descançar.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Pereira, ao Largo Prior do Crato.

Promoção

Por ordem do Comando Distrital da P. S. P. de Braga, foi promovido a 1.ª classe o guarda Domingos Pereira de Magalhães, amanuense da Secretaria da secção da P. S. P. desta cidade.

Afogado

Morreu afogado há dias, quando tomava banho no Rio de Selho, o menor de 18 anos, Joaquim de Lemos, filho de António de Lemos, natural da freguesia de S. Cristóvão de Selho.

O cadáver do infeliz moço foi encontrado por João Ribeiro Palheiro.

Roubo

No Armazém da firma Eduardo Torcato Ribeiro & C.ª, desta cidade, foi praticado um roubo de umas dezenas de contos, tendo se já efectuado prisões para efeito de averiguações.

Escola Industrial e Comercial

Até ao dia 20 do corrente pode ser feita pelos interessados a sua matrícula para frequência da Escola Industrial e Comercial Francisco de Holanda, desta cidade.

Incêndio

Na madrugada de segunda-feira, manifestou-se incêndio num barraco da Fábrica de Fiação e Tecidos da Madrôa, da firma Freitas, Pereira & C.ª, onde imediatamente compareceram os bombeiros que prestaram bons serviços. Os prejuízos estão cobertos pelo seguro.

Nem só gira o dinheiro!
A **Camisa, Girá** também gira, girou e continuará a girar.
Exclusivo da
CASA LARANGEIRO.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

D. Maria Amélia Fernandes Pimenta da C. Guimarães

1.º Aniversário da sua morte

Ocorrendo no próximo dia 13 o 1.º aniversário do passamento desta saudosa senhora, serão celebradas missas por sua alma em diversos templos desta cidade, assim como na Póvoa de Varzim.

Os empregados de Armazem e Escritório da Casa Alberto Pimenta Machado, em comemoração do lutuoso acontecimento, mandam celebrar no referido dia 13, às 8,30 horas, na Igreja da Misericórdia, uma missa em sufrágio da alma da pranteada senhora e agradecem desde já a comparência àquele acto das pessoas das relações da extinta ou de sua família.

D. Maria da Madre de Deus G. Barbosa

Finou-se esta bondosa senhora, esposa do proprietário Sr. António Barbosa de Abreu Guimarães, tendo-se efectuado o seu funeral na quarta feira, à tarde, com numeroso acompanhamento, para o Cemitério de Atouguia.

A' família dorida apresentamos condolências.

D. Maria Fernandes Ribeiro Gomes

Na Corredoura, S. Torcato, finou-se esta senhora, irmã dos nossos bons amigos srs. António, Manuel e José Fernandes Ribeiro Gomes, tendo-se efectuado o seu funeral, com numerosa concorrência de pessoas das relações da família dorida, na segunda-feira de manhã.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

AGRADECIMENTO

Francisco Larangeiro dos Reis, encontrando-se já melhor dos seus incómodos, vem cumprir o grato dever de testemunhar por esta forma — dada a impossibilidade de o fazer pessoalmente como muito desejaria — o seu indelével reconhecimento a todas as pessoas amigas, de Guimarães e de fora desta cidade, que procuraram informar-se a miúdo do seu estado de saúde, acompanhando assim, com uma dedicação que deveras o sensibilizou, a marcha da doença que o acometeu.

E aproveita esta aportunidade para pùblicamente também expressar ao seu médico assistente Sr. Dr. João Fernandes de Freitas a sua gratidão, pelo carinho com que o tratou e pelo extraordinário zêlo e competência que demonstrou, uma vez mais, durante todo o período da sua doença.

A todos, por tamanhas provas de dedicação e amizade, aqui deixa expresso o seu maior reconhecimento.

Guimarães, 8 de Agosto de 1946.

220 **Francisco Larangeiro dos Reis.**

Professores diplomados

De Inglês e de Ciências (2.º e 3.º ciclos).
Preferem-se internos, podendo o de inglês desempenhar também o cargo de Chefe de disciplina. 219

"Boletim do Vitória„

Encontra-se já à venda esta interessante publicação mensal, editada pelo nosso prezado amigo, Sr. Luís Filipe Coelho, que, pela variedade dos assuntos que trata e, ainda, pelo que historia do movimento desportivo do Concelho, vem preencher uma lacuna que se reconhecia existir em Guimarães.

Apresenta-se profusamente ilustrado e com bom aspecto gráfico, merecendo, por isso, os seus organizadores as nossas felicitações e os votos cinceros duma longa vida para o «Boletim» que ora inicia a sua publicidade.

Em peugas encontra V. Ex.ª um grande sortido na **Casa Larangeiro.** Visite as suas montras.

CONVITE

A Câmara Municipal de Guimarães, tem a honra de convidar os habitantes desta cidade a assistirem à Missa Solene, com alocução patriótica, comemorativa da gloriosa data da Batalha de Aljubarrota, que terá lugar no Padrão de Nossa Senhora das Vitórias, no Largo da Oliveira, desta mesma cidade, pelas 11 horas do dia 14 do corrente mês.

Dignam-se assistir a este acto religioso Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Arcebispo Primaz e Senhor Governador Civil do Distrito.

Paços do Concelho de Guimarães, 7 de Agosto de 1946.

O Presidente da Câmara Municipal,

Fernando Manuel de Castro Gonçalves.

TEATRO JORDÃO

= HOJE =
às 15 e às 21 ½ horas

O SUPER HOMEM

com Virgínia Maio - Vera Ellen e Damy Kaye

Um filme esplendoroso e alegre com boa música e canções.

Colégio de D. Nuno
Para o Sexo Masculino
PRAÇA DO ALMADA
TELEFONE, 108
PÓVOA DE VARZIM
No local mais central da vila, perto do Liceu, e da Escola Comercial, com amplos recreios e campos de jogos.
ENSINO RELIGIOSO
118

Exclusivo da
Sapataria Vimaranense
Rua da Rainha, 82
GUIMARÃES
180

CAMIONAGEM
Transportes de Carga e Mudanças
BARCAGENS e Despachos
AGENTES DE NAVEGAÇÃO
JOSÉ DE MELLO & C.ª
Casa fundada em 1882
RUA NOVA DA ALFANDEGA N.º 67
PORTO
Telefones 78 e Estado 57
CORREIO Apartado 12

Se calçar bem é uma nota de distinção, não deixe V. Ex.ª de ser distinto. Visite a *Sapataria Vimaranense*, onde encontrará a elegância aliada ao bom gosto, em calçado de todos os géneros. Rua da Raínha, 82 — Guimarães. 178

A **Casa Larangeiro** é uma Casa pequena, mas com um grande sortido. VEJA AS SUAS MONTRAS

A pintura na Mulher dá-lhe uma certa beleza. Compre V. Ex.ª um *baton marlice* na **CASA LARANGEIRO.** O baton fixo e persistente.

Na **Casa Larangeiro** encontra V. Ex.ª, minha senhora, as melhores marcas de meias de seda natural, assim como a meia de vidro **NYLON.**

Um postal do Vidago

«Vidago, 24 de Julho.

Tem estado muito animado, este ano e nesta Estância, o mês de julho. Aqui se reuniram, com suas famílias, algumas individualidades em destaque no Comércio, na Indústria, nas Finanças, as quais, com seu génio alegre, muita animação vieram dar ao pacato *Palace* destas Termas.

Travaram-se discussões animadas através das quais qualquer *coca-bichinhos* poderia ajuizar do valor destes homens empreendedores e espertos que são hoje no nosso país e no estrangeiro figuras de merecido relevo.

Um dos primeiros a *desertar* do magnífico estágio foi o Comendador Cupertino de Miranda, importante banqueiro do nosso País e que, já do Porto, endereçou este engraçado telegrama ao seu íntimo amigo Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado, que ainda ficou:

«Na sua qualidade de Chefe Vimaranense rogo aceitar e transmitir a sua alteza real o duque de Guise príncipes de Maceió do Rio Pernambuco Gaya e Madeira suas consortes e demais sobas de outras famosas terras que tiveram a gentileza de me despedir as minhas homenagens de vassalo fiel. — (a) Cupertino de Miranda.

E logo, o Sr. Comendador Pimenta Machado, interpretando o sentir de todos fez seguir para o Porto este outro telegrama, que nos foi possível *cocar*:

«Comendador Cupertino de Miranda — Banqueiro — Porto.

O duque de Guise os príncipes de Maceió Pernambuco Rio Gaya Madeira e demais sobas desta famosa aristocratolandia encantados com os seus protestos de fiel vassalagem incumbiram-me de transmitir-lhe o seu agrado e o propósito em que se acham de nomeá-lo na Penha vice-rei de Guimarães por ocasião da reunião do conselho da coroa sobre a minha presidência stop por esta merecida honraria antecipo-lhe minhas felicitações stop certo da sua presença a um de Agosto firmo-me cordealmente. — (a) Pimenta Machado».

N. R. — Só no próximo número e por razões estranhas à nossa vontade, inseriremos uma gravura do grupo de assistentes ao almoço realizado na Penha e a que nos referimos no último n.º.

O «Postal» que aqui arquivamos dá-nos provas de bom humor de um grupo de pessoas respeitáveis que fizeram uma animada estação de águas.

Livros & Jornais

Almanaque do Povo.

O Secretariado N. da Irformação publicou um almanaque, cuja utilidade não se pode negar. Além das informações comuns ao género, tem este outros ensinamentos de muito préstimo para quem ignora quáse tudo como é o nosso povo. No entanto, tratando-se de uma obra custeada pelo S. N. I., muito outros conhecimentos podiam e deviam ser espalhados nestas páginas. Por exemplo: Prineípios gerais de civilidade, normas de educação, notícias agrícolas, etc., etc. O povo precisa disto tudo e precisa muito mais do que lhe ensinem os movimentos de rotação e translacção da Terra. O almanaque traz ainda um discurso do Sub-Secretário das Corporações e Previdência Social, Dr. António Júlio de Castro Fernandes, que é, sem lisonja, uma das pessoas que não se cança de pugnar pelo bem estar social. O seu trabalho é digno de todo o apreço, mas há que correr ainda com muitos tortulhos que medram à sombra das ideas mais puras.

F. T.

LIVROS
Livraria Guimarães
182
PERFUMARIAS

AUSTIN 5 H. P.
VENDE-SE. Falar na Casa dos Pombais. — Guimarães. 221

Para o seu afilhado, compre V. Ex.ª um enxoval na
CASA LARANGEIRO.

A homenagem a dois beneméritos

(Conclusão)

queridos Homenageados. São assim os verdadeiros amigos da Caridade, a par dos quais, infelizmente, também se encontra o número dos seus inimigos. Como indiferentes, poderei apontar todos os que não praticam qualquer acto de benemerência, não obstante se encontrarem em condições de o fazer e que, portanto, se esquecem de que todos os seus semelhantes pobres têm justo direito à vida.

São esses, ainda, os que não têm coração para sentir os efeitos do torturante sofrimento da fome, da doença, do frio, etc. São ainda os mesmos que negam uma esmola a uma pobre Mãe, que traz ao colo um filhinho a pedir pão, porque em casa não o tem e nem lá o lume se acende para fazer um caldo mal adubado!

Como inimigos da Caridade, considero aqueles que, não a praticando, agravam o seu procedimento com a intencional propaganda contra as pessoas de boa fé e de bons costumes, que trabalham e se interessam de alma e coração pelas prosperidades desta Casa, para as quais o concurso de santas vocações para a prática do bem é o principal factor da sua existência. No entanto, minhas Senhoras e meus Senhores, à intriga e à calúnia desses detratores, responde a tranquilidade de consciência do dever cumprido por parte das pessoas, cuja dignidade não se deixa vergar com o peso da ingratidão e da injustiça!

Como se constata, o prémio da Consolação para os amigos sinceros e verdadeiros da Caridade é o seu maior título de glória, visto que ela é a ternura do espírito e a fonte pura do Amor! E se todas as Casas de Caridade carecem dos benefícios de todos os que podem a favor de todos os que precisam, como tantas vezes já se tem afirmado, aparecem à frente de todas as Santas Casas das Misericórdias, com os seus Hospitais, Asilos, Orfanatos, Recolhimentos, etc., etc. Bem hajam, por isso, os Benfeitores que, como os Ex.mos Senhores Comendador Alberto Pimenta Machado e Albano de Sousa Guise vão ao encontro das suas necessidades, hoje mais agravadas do que nunca, sobretudo na sua maior parte, como sucede à desta nobre e laboriosa terra. Porém, com a protecção dedicada e certa dos Benfeitores, aquela que mais tem contribuido para os importantíssimos benefícios prestados por estas beneméritas Instituições, o futuro tornar-se-á digno do passado e até mais risonho e mais esperançoso, se, por ventura, os indiferentes para com a Caridade e os seus inimigos abandonarem essa indiferença e essa inimizade e passarem a seguir o exemplo dos Patronos desta homenagem a quem, em nome da Mesa e no dos pobrezinhos, apresento os maiores e mais cordeais agradecimentos e os melhores e mais sinceros desejos da continuação da sua felicidade, estes extensivos a suas Ex.mas Famílias, lares onde as bênçãos do Céu caem momento a momento, porque neles se pratica aquilo que disse Eugénio de Castro, numa Festa da Caridade:

«De cada pobrezinho é Deus fiador,
Sendo a esmola, por isso, empréstimo seguro.
Se o pobre não pagar o que pedir... melhor;
Deus tudo pagará: o capital e o juro.»

Tenho dito.

Depois usou da palavra o Sr. Dr. Carlos Saraiva, que proferiu o seguinte discurso:

Minhas Senhoras e meus Senhores:

Em nome da Comissão Municipal de Assistência e como médico deste Hospital associo-me, do coração, à homenagem justíssima que a Mesa da Santa Casa da Misericórdia resolveu prestar, no dia de hoje, aos Ex.mos Senhores Comendador Alberto Pimenta Machado e Albano de Sousa Guise.

Pelos seus actos de generosidade bem patentes e suficientemente demonstrados em relação a esta Instituição, a Mesa da Misericórdia, mandando colocar os seus retratos na galeria dos Benfeitores, entre tantos que ali se encontram, por não terem esquecido em vida ou para além dela o cumprimento dessa obrigação sublime que é a Caridade, mais uma vez se desempenha nobremente da missão em que está investida.

Senhor Comendador Alberto Pimenta Machado e Senhor Albano de Sousa Guise:

Encontram-se V. Ex.as dentro da 1.ª Casa de Caridade de Guimarães — no seu verdadeiro solar — donde essa Caridade se espalha e irradia numa projecção larga que atinge todo o Concelho e penetra em todos os lares. De tal modo a sua acção é grandiosa e se afirma, dia a dia, que, para se avaliar os altos serviços que presta em matéria de Assistência a todos os que um dia foram sacudidos pela doença ou pela invalidez, é necessário percorrer os seus Asilos, as suas enfermarias e todas as dependências utilizadas para a observação de doentes.

Como vimaranenses devemos orgulhar-nos do progresso que esta Casa vem sofrendo nos seus serviços médicos.

Não há muito que se inaugurou o Gabinete de Radiologia com o nome de um vimaranense ilustre que foi Roberto de Carvalho que honrou não só a terra que o viu nascer, mas o próprio País com o prestígio do seu saber, da sua vocação científica e da sua cultura.

Já hoje, devido aos esforços da mesma Mesa, funciona aqui um Laboratório de Análises. Só os médicos podem avaliar os benefícios que nos prestam a Radiologia e o Laboratório, hoje em dia, que a medicina não caminha só guiada pelos sentidos do médico.

Conhecem V. Ex.as esta Casa e, certamente, não há ninguém que, ao visitá-la, não sinta o contacto com realidade, muitas vezes esquecidas e de que a humildade, o espírito de renúncia e de sacrifício e mesmo de heroísmo oculto, representam o carácter de uma obra iniciada há mais de 400 anos pela alma de um Apóstolo que foi Fr. Miguel Contreiras e pela bondade da Rainha D. Leonor, viúva de D. João II. Foram, na verdade, os credores das Obras das Misericórdias e de tal modo lhe deram alicerces e raízes fundas para manter-se e resistir durante séculos, que Ela chegou aos nossos dias mais extensa no seu campo de acção e melhor na dupla função material e espiritual que daqui dimana. A tudo tem resistido por ser eterno o pensamento que a cimentou e pelo cunho austero de humildade e de renúncia que, de início, lhe imprimiram os seus fundadores.

Humildade, renúncia e abnegação eis a legenda desta Casa que, para aguentar a sua alta função hospitalar, necessita cada vez mais do auxílio e do carinho de todos. E este não lhe tem faltado, devido à generosidade dos Benfeitores, é certo, mas também, a meu ver, da prece ardente que daqui se ergue a todos os momentos de tantos lábios a arder de febre ressequidos pelo sofrimento e quantas vezes numa agonia lenta e prolongada que mais os aproxima de Deus!

E' por assim dizer um novo milagre que transforma a própria Dor numa maior soma de benefícios que se espalham para novos alentos e energias criadoras e para o desenvolvimento dessa admirável obra de solidariedade humana que aqui se desenrola. Neste recanto da cidade, abençoado por Deus, a vida é dolorosa mas suportada com resignação, com esperança e com fé. Inconcebível seria ela se não fôra a imensa capacidade de resistência física e moral de que é capaz o género humano!

Verdadeira escola da sensibilidade e do carácter, assim se lhe pode chamar na renúncia aos prazeres e divertimentos do mundo, à própria embriaguês dos sentidos que lá fora anestesia e faz esquecer as amarguras e os desgostos e torna a Vida momentâneamente melhor!

Mas, além de tudo, é ainda oficina delicada onde humanamente se repera o organismo e se purifica a alma!

*

Por isso, meus senhores, mais simpática se forma, aos meus olhos, esta homenagem de reconhecimento a dois Homens, que Guimarães admira pela generosidade que os caracteriza e que, longe de diminuir as suas fortunas pessoais, mais aumenta a reserva moral e espiritual de cada um, depósito que nunca se perde e que sempre ultrapassa o Homem para além da Vida.

Recebam os homenageados os meus cumprimentos de felicitações e da Comissão que represento aqui, com a certeza consoladora de que os seus actos de Caridade se reflectem no prestígio e no progresso desta Casa e sobretudo naqueles que aqui vêm procurar alívio e conforto para os seus males. E esse alívio e conforto serão tanto maiores, quanto maior for a generosidade das almas boas.

Seguidamente procedeu-se ao descerramento dos retratos, na galeria respectiva e por entre aplausos, tendo, antes, o Provedor da Misericórdia proferido estas palavras:

Sr. Comendador Alberto Pimenta Machado e Sr. Albano de Sousa Guise:

Vai proceder-se ao descerramento dos retratos de V. Ex.as. São mais duas páginas da História da Caridade desta Santa Casa, através das quais as gerações futuras poderão tributar a devida veneração a V. Ex.as, pelo Bem que praticaram neste mundo, fruto bendito das virtudes e dos sentimentos que possuem.

E dirigindo se ao Sr. Albano de Sousa Guise, disse:

V. Ex.a vai partir para a terra irmã de Santa Cruz, mas esse facto não quer dizer que se ausente de nós, porque, Sr. Albano Guise, V. Ex.a ficara a viver no nosso coração, onde já tem o altar da maior veneração.

Que lá, ao longe, V. Ex.a continue a gozar a mesma felicidade do passado, afim de que dela continuem a compartilhar muitos e muitos infelizes, são os meus votos sinceros e ardentes.

E ditas estas palavras, permitam-me V. Ex.as, Srs. Comendador Pimenta Machado e Sousa Guise, que eu, em nome destas velhinhas e velhinhos, dos doentes deste Hospital e no de todas as demais pessoas que são socorridas por esta benemérita Instituição de beneficência, lhes beije as mãos como testemunho da sua eterna gratidão.

* * *

Os Homenageados que foram, em seguida, muito abraçados por todos os presentes, agradeceram aquela homenagem, que muito os sensibilizou, prometendo continuar a fazer por aquela Casa tudo quanto lhes seja possível, o que vai, por certo, ao encontro do que determina o seu coração.

UM SERMÃO PROFÉTICO

(Conclusão)

milhadas, se achavam descontentes;... a nobreza, porque se via arruinada e em vésperas de oneroso desterro na guerra da Catalunha; o clero, porque espoliado e perseguido, se julgava ameaçado de maior lesão em suas imunidades e interesses; e o povo, finalmente, porque esgotado no seu sangue e nos cabedais pelos recrutamentos e tributos, preferiam acabar lutando, a morrer sufocado e silencioso».

Fr. Luís da Natividade, vendo a inércia de uns e a defecção de outros, increpa, espicaça, por este teor:

— «Portugal não morre nem vive. Não vive, porque atravessado se vê, não de uma, mas de muitas lanças. Não morre, porque não o acabam de trespassar de todo. Portugal, cansado, ferido, esgotado de sangue o vemos; mas não vemos uma lança a que se encoste; nem sobre que desfalleça. Sobejavam lanças a Portugal, tão valentes, que não só sustentavam o já adquirido no reino, mas lhe tributaram e sujeitaram no Oriente cinco enta e sete reis ao seu serviço...» E hoje não vemos uma lança a que se encoste, nem sobre que descance!»

Borbulham nesta fala da notável oração sacra, os feitos heróicos dos portugueses. A memória das navegações e das conquistas brilha como iluminura no verbo altiloquente do prègador.

O velho carácter português, as viris energias de antanho, estavam sofrendo uma depressão moral, pungente! Salientando esse decadentismo, dizia o prègador: que era «a cobiça muita e a honra pouca». Razão por que, buscando visar esses chatins, o frade, austero, novamente apontando o Pelote, (como se ele fora o próprio corpo da Nação) assim prègava:

« — Ainda, pelote, neste estado em que estais, vos receio esses poucos fios de ouro que vos transluzem; ainda vos sentem algua gota de sangue lá escondida e andam por vo-la esgotar. Saia das veias, saia do lado ou saia do coração, vós heisde dá-la, e lança vossa vo-la há-de tirar.

A veemência deste ataque, como que transformava a tribuna sagrada em Pelourinho, onde se azorragavam os tartufos que sugavam, que bebiam o sangue da Nação.

E como o objectivo do prègador era agitar a chama rubra da revolução do resgate, o seu último repto deveria ser um cântico de fé, um apelo devoto à Virgem.

Para mais, erguia-se na Praça Maior a "oliveira dos milagres„ da qual a tradição dizia ter reverdecido, depois de mirrada e seca.

Dest'arte, o prègador exclamava:

— «Ainda pode haver vida para vós (Portugal); ainda pode haver século florente e tornardes a reverdecer, como essa (oliveira) reverdeceu, ficando de duzentos e cincoenta anos a esta parte sempre verde».

Demais no meio da ruinaria e do lodaçal, ainda havia reverberações de vontade. O prègador era um exemplo. Simplesmente, como a oração deste frade no-lo revela, alguns bons portugueses andavam «mui espalhados e desunidos... apartados... escondidos... acantoados... metidos pelos montes»,

O sermão ia terminar.

Voltando-se agora, sublime de expressão e gesto, para Santa Maria de Guimarães — que foi devotamente distinguida pelos reis da 1.ª e 2.ª dinastias, e em cujo altar é tradição que depuseram as suas armas D. Afonso Henriques e D. João I — voltando-se, repito, para a santa imagem, o frade prègador, exclama:

— «Virgem Mãe de Deus! Cessem os castigos passados... Vós, Virgem, sois a que haveis de fazer tudo. Vossa há-de ser esta restauração e renovação deste velho e sempre vosso devoto reino, por mais dilacerado e descarnado que esteja!»

*

Sermão profético foi este, prègado à porta principal da igreja Colegiada de Guimarães, em 14 de Agosto de 1638.

Dezassete meses depois eclodia em Lisboa a revolução mais nacionalista e mais cívicamente dignificadora de quantas figuram no calendário histórico de Portugal: — 1.º de Dezembro de 1640.

Nota Oficiosa

A Delegação do I. N. T. P. em Braga, recebeu da Comissão de Interligação das Centrais do Norte, o ofício que se transcreve:

«Em aditamento ao meu ofício n.º 1.287, de 26 de Janeiro do ano corrente, venho rogar a V. Ex.a se digne determinar que as férias ao pessoal fabril sejam concedidas durante a *última quinzena do próximo mês de Agosto.*

Este pedido tem o intuito de procurar evitar que possa haver necessidade de estabelecer quaisquer restrições»

Nestes termos, ficam avisados todos os Senhores Industriais que as férias graciosas do pessoal fabril devem ser concedidas na última quinzena do mês de Agosto corrente.

No meu Cantinho

Pensava em descansar esta semana. Se, eu estava tão cansadinho!

Depois o pesar de não ter ido ver a Marcha incomparável acabrunhava-me e deixava-me sem força.

Eis senão quando as *Novidades* de 4, publicando o Prefácio de Luís de Almeida Braga às Líricas da Antalogia de António Correia de Oliveira, sacudiram o triste marasmo e levaram-me a felicitar o nosso Chico Pereira Mendes pelo altíssimo prazer que deve ter sentido ao ler esse Pórtico com digno do Poeta.

Percorrermos os estádios poéticos dos últimos cinquenta anos pela mão gentil de tão eminente Prefaciador é um prazer que, se para mim foi bem alto, para o Chico deve ser ou ter sido cinco vezes mais alto.

Correia de Oliveira é o seu ídolo!

*

Agora mais me cansei.
Mas que rico este cansaço!
As 24 páginas miúdas de D. Maurício na sua *Brotéria*, sobre *Pax Romana*, são um assombro de esperança!

Quanto mais leio variados livros de Cosmografia, tanto mais sem fim encontro a extensão do Universo!

Quanto mais leio os trabalhos de D. Maurício, tanto mais me avulta o valor do seu talento!

G.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA

Comissão de Vitic. da Região dos Vinhos Verdes

SERVIÇOS TÉCNICOS

AVISO

CURSO DE VINIFICAÇÃO

Convidam-se os Srs. Produtores da Região dos Vinhos Verdes a frequentar o Curso Elementar de Vinificação que se realiza na Sede desta Comissão de Viticultura — Rua da Restauração, n.º 318, Porto — de 26 a 31 de Agosto corrente.

A inscrição é livre e gratuita, podendo efectuar-se nos Grémios da Lavoura ou directamente para a sede desta Comissão de Viticultura.

O Curso consta de palestras e demonstrações práticas elementares de análise, iniciando-se às 14 horas do dia 26.

Porto e Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, 6 de Agosto de 1946.

A Comissão Executiva.

A personalidade conhece-se pela sua apresentação.
Compre uma **Camisa Girá,** que é o complemento para uma boa toilette.
Exclúsivo da
CASA LARANGEIRO.

Grandiosas Solenidades

em honra de Nossa Senhora da Oliveira

Guimarães, terra de fé, patriotismo e arreigada devoção a Maria, sempre ascendente e progressiva nas suas manifestações multiformes de vida intensa e pujante, sabe interpretar os grandes momentos de fé patriótica e crença religiosa duma maneira inegualável e invulgar, com brilho e galhardia. Nas suas altas realizações de actividade e pensamento procurou sempre ocupar aquele lugar de nobreza e altivez que os seus maiores de antanho lhes legaram com tanto amor e veneração.

Ainda em quebranto e sonolenta, após uma animosidade festiva sem igual e embebida no brilho ofuscante e inimitável dumas «Gualterianas», cuja ressonância e imponência repercutem já, além dos limites da Nação, a cidade de Guimarães prepara-se entusiàsticamente para homenagear a sua Inclita Padroeira — Nossa Senhora da Oliveira — nesta data gloriosa do **Tricentenário da Proclamação,** feita por D. João IV, como Padroeira de Portugal. Quando por todos os recantos da Nação se comemora tão honrosa data Guimarães, demonstrará mais uma vez que sabe cumprir um dever de gratidão e reconhecimento por tão desvelada protecção. Revestirão um brilho e esplendor que já há muitos anos se não verifica, as festividades em honra de Nossa Senhora da Oliveira. Pelo programa que a seguir publicamos bem se pode inferir, que vão marcar um acontecimento de invulgar grandiosidade, nos anais da vida religiosa e patriótica da nossa terra, ficando assim vincada a letras de ouro a gloriosa data do Padroado.

A igreja da Colegiada ostentará luxuosa ornamentação como há muito a não temos visto.

PROGRAMA

Novena preparatória às 9,30 horas na igreja da Colegiada.

DIA 14—A's 10 horas: Missa Campal e alocução no Padrão de Nossa Senhora das Vitórias, com a presença de Sua Ex.a Rev.ma o Sr. Arcebispo Primaz, Governador Civil do Distrito, Presidente da Câmara Municipal e demais Autoridades locais, comemorando a data festiva da gloriosa Batalha de Aljubarrota.

A's 22 horas — Procissão de velas conduzindo em triunfo a imagem de Nossa Senhora da Conceição, Padroeira de Portugal, desde o templo dos Santos Passos pela Rua de S. Dâmaso, Largos do Prior do Crato, 28 de Maio e Toural (sul) e Rua da Rainha até à igreja da Oliveira, onde haverá alocução por um ilustre prègador.

DIA 15 — A's 11 horas — Missa Solene executada por uma explêndida orquestra sob a regência do Rev. Alberto Braz e composta pelos melhores elementos do Porto, Braga e Guimarães.

A's 16 horas — Exposição solene, sermão por um distinto orador sacro, consagração da cidade a sua Inclita Padroeira, Te Deum e bênção do SS. Sacramento.

Acto continuo sairá uma brilhante Procissão com vários andores e muitas dezenas de figuras alegóricas sob a presidência de Monsenhor Vigário Geral da Arquidiocese.

Católicos de Guimarães:

A Mesa da Irmandade de Nossa Senhora da Oliveira, querendo celebrar o Tricentenário do Padroado a exemplo do que se faz por todos os recantos do nosso querido País, propõe-se realizar esta sumptuosa solenidade o melhor possível.

Resta que todos prestem o seu indispensável concurso tomando parte em todos os actos de piedade, mormente nas ***procissões, dias 14 e 15 embandeirando e iluminando as suas fachadas*** e mostrando por todas as formas a sua intensa fé e gratidão à excelsa Mãi de Deus e Mãi dos homens.

Vimaranenses:

Está à prova, uma vez mais, a vossa crença e patriotismo!

Maria tem sido toda para nós, sejamos também para Ela nesta manifestação da nossa devoção e amor filial.

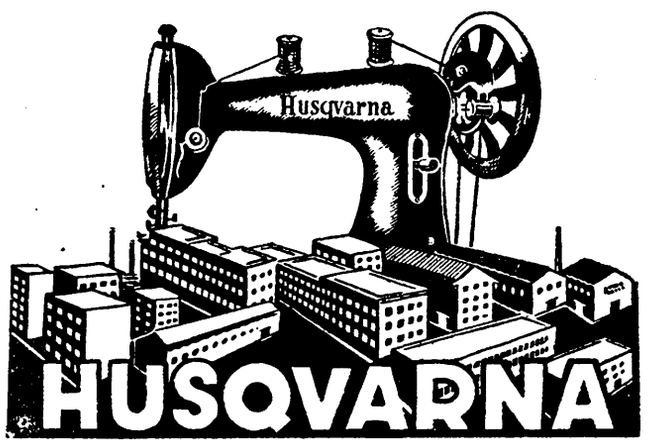
Para se incorporarem na luzida Procissão do dia 15 foram convidadas as Autoridades locais.

*

As velas para a Procissão do dia 14 encontram-se à venda nas igrejas da Oliveira, Santos Passos e Dominicas.

Como subtil película, o Pó de Arroz «MARLICE» favorece os naturais encantos da mulher.
Na **Casa Larangeiro** encontra V. Ex.a o Pó de Arroz «MARLICE».

A Perfumaria Francesa **«Marlice»** apresenta os perfumes SÓLIDOS, que tanto sucesso têm obtido.
Encontra-a V. Ex.a na
CASA LARANGEIRO.



HÁ MAIS DE 150 ANOS esta maravilhosa máquina de costura de fabricação sueca é vendida em todos os mercados mundiais.

Silenciosa, leve e tècnicamente perfeita, a máquina de costura **«HUSQVARNA»** é inteiramente construida com os afamados aços suecos.

COSTURA, BORDA e faz todos os trabalhos com rapidez e perfeição.

«HUSQVARNA» tem assistência técnica garantida e um completo sortido de peças soltas.

VENDAS A PRONTO E A PRESTAÇÕES.

Agentes no Concelho:

Bernardino Jordão, Filhos & C.a, L.da.

215

Sulfato da Companhia União Fabril

A Firma
FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO,
participa aos agricultores que se encontra habilitada a entregar todo o sulfato ao preço oficial ou seja:

Revendedores 6$40
Público . . 6$70